

## **O Memorial Luis Carlos Prestes, a materialização de uma história: possibilidades na educação patrimonial**

Gustavo Koszeniewski Rolim<sup>1</sup>

### **Introdução**

No primeiro semestre de 2018, optamos pelo Memorial Luiz Carlos Prestes para realizar nosso estágio de docência em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)<sup>2</sup>. As reflexões trazidas neste texto se dão a partir dessa experiência e também enquanto testemunha envolvida nos últimos anos da construção desse Memorial e na defesa de sua existência.

O Memorial Luiz Carlos Prestes começou a ser elaborado logo após a morte do homenageado, em 7 de março de 1990. A Lei Municipal 222/90, aprovada pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre, instituiu o Memorial já naquele ano, no mesmo local da atual construção, entre as Avenidas Ipiranga e Edvaldo Pereira Paiva, no Bairro Praia de Belas. Inicialmente, a obra seria um projeto de Oscar Niemeyer, com caminho, monumentos e auditório público. Além disso, obras do pintor Carlos Scliar e do escultor Honório Peçanha fariam parte do memorial ao líder comunista<sup>3</sup>.

O ano de 1998 foi marcado por diversas atividades, decorrendo do centenário de nascimento de Luiz Carlos Prestes (1898-1998). Entre elas, o lançamento da Pedra Fundamental da obra no terreno destinado à construção do Memorial. O evento contou com a presença de Vieira da Cunha (PDT), autor da lei municipal; Olívio Dutra (PT), então governador do estado; João Pedro Stédile, coordenador do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST); e Anita Leocádia Prestes, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e filha de Prestes com a revolucionária alemã Olga Benário.

Mesmo com o processo legal concluído durante os anos 1990, as obras do Memorial Luiz Carlos Prestes iniciaram-se apenas a partir dos anos 2010. O projeto inicial de Niemeyer, anteriormente mencionado, foi construído na Praça dos Girassóis, em Palmas, Tocantins. Mesmo assim, por volta de 2007, o arquiteto realizou um novo projeto original para o Memorial na capital gaúcha. A construção dessa nova obra iniciou-se a apenas em 2012, após uma parceria com a Federação Gaúcha de Futebol (FGF). Em contrapartida da cedência de metade do terreno para a edificação de sua própria sede, a Federação comprometia-se em entregar pronto o Memorial Prestes. Niemeyer viria a morrer em dezembro de 2012, pouco antes de completar 105 anos; pouco antes, deu aval a mudanças no projeto original, necessárias devido à alteração nas medidas do terreno – que, além do compartilhamento com a sede da FGF, também foi reduzido devido às expansões das

---

<sup>1</sup> Professor de História nas redes municipais de Guaíba e Gravataí (RS). Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup> A disciplina foi ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Caroline Pacievitch, a quem muito agradecemos pelo aprendizado e pelas discussões. Sua correção e orientação do presente artigo foram essenciais para que sua redação fosse possível. Os erros eventuais pertencem, claro, ao autor.

<sup>3</sup> CAMPANHA de arrecadação de fundos para o Memorial Prestes. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1998. Fôlder.

avenidas Ipiranga e Edvaldo Pereira Paiva. Após a morte do centenário arquiteto, as obras foram, então, inspecionadas, avaliadas e dirigidas pelo seu bisneto, o também arquiteto Paulo Niemeyer, cuja dedicação foi ímpar para o estabelecimento da instituição, estando presente nas manifestações em favor do prédio. A construção teve sua conclusão em finais de 2014<sup>4</sup>.

A inauguração contou com ares de dramaticidade e, principalmente, luta. Mesmo ao final de sua construção, algumas dezenas de pessoas protestaram contra a homenagem a um “comunista assassino”. A resposta de entidades universitárias, arquitetos, urbanistas, partidos e demais organizações de esquerda foi organizada em um ato com aproximadamente uma centena de pessoas. Finalmente, alguns meses antes da inauguração oficial, o vereador de Porto Alegre Wambert de Lorenzo (PROS) apresentou um projeto para que o Memorial fosse transformado em um “Museu da História e da Cultura do Povo Negro”, visando inviabilizar uma estrutura que, por si só, já é, em suas curvas e projeto de exposição, uma homenagem a Luiz Carlos Prestes, como veremos mais detalhadamente adiante. A Frente Quilombola do Rio Grande do Sul, em nota, explicitou a manobra, detalhando a situação contemporânea do movimento negro e quilombola em Porto Alegre e a completa falta de legitimidade do vereador para realizar tal “bizarria”, nas próprias palavras da Frente<sup>5</sup>. A votação do projeto foi marcada por um placar apertado, em uma das composições mais conservadoras que a Câmara de Vereadores de Porto Alegre já conheceu<sup>6</sup>. Por muito pouco, os vereadores de Porto Alegre não aprovaram a mutilação de uma obra de Oscar Niemeyer, o que se efetivaria a partir de uma manobra ilegítima e desautorizada pelo movimento negro, com argumentos que remontavam ao período fascista do Estado Novo.

A (conquista da) inauguração oficial ocorreu, então, em 28 de outubro de 2017. Palestras sobre a conjuntura nacional e internacional, sessões de cinema (com a participação do jornalista Beto Almeida) e atrações musicais levaram mais de quinhentas pessoas a percorrer o Memorial Luiz Carlos Prestes nos três dias de atividade. Houve repercussão internacional, com a presença da rede de comunicações TeleSur<sup>7</sup>. Compareceram figuras políticas de destaque da vida nacional e regional, como Adão Villaverde (PT), Olívio Dutra (PT), Maria do Rosário (PT), Henrique Fontana (PT), Manuela D’Ávila (PCdoB), Pedro Ruas (PSOL) e Ciro Gomes (PDT). Também esteve no local um representante do partido colombiano Fuerza Alternativa Revolucionaria del Común (a FARC). A professora Anita Prestes se manifestou via carta, estando impossibilitada por motivos de saúde de comparecer no evento. O encerramento contou com a interpretação da música “O Cavaleiro da Esperança”, de

<sup>4</sup> Agradecemos a Edson Ferreira dos Santos, atual vice-presidente da Associação Memorial Luiz Carlos Prestes, por ser nosso tutor no referido estágio e fornecer estes “dados biográficos” da construção, além das imagens do prédio e das plantas arquitetônicas.

<sup>5</sup> FRENTE QUILOMBOLA RS. *Não em nosso nome!* Porto Alegre, 24 out. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/frente-quilombola-rs/n%C3%A3o-em-nosso-nome-/802332909891451/>. Acesso em: 21 nov. 2018.

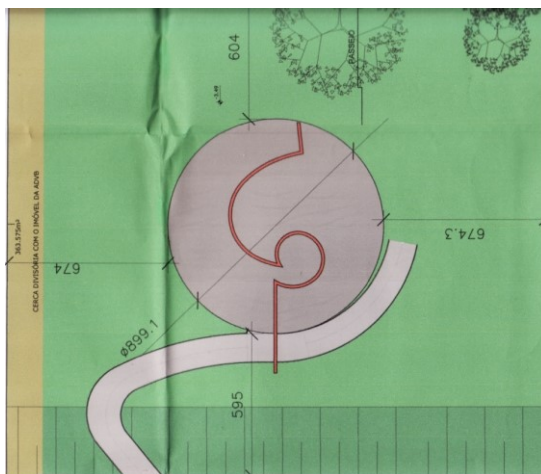
<sup>6</sup> CÂMARA rejeita proposta de Wambert e mantém Memorial Prestes. Sul21, Porto Alegre, 25 out. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2S2ja7K>. Acesso em: 21 nov. 2018.

<sup>7</sup> INAUGURAN en Porto Alegre el Memorial Luiz Carlos Prestes. [Caracas]: TeleSur, 28 oct. 2017. Vídeo (1min23s). Disponível em: <https://bit.ly/2Kop117>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Taiguara, na voz de seu filho, Lenine Guarani. Logo após, fechando os trabalhos, entoou-se a Internacional<sup>8</sup>.

O prédio do Memorial Luiz Carlos Prestes compõe-se de uma construção circular, dividida internamente em duas partes e ligada à rua por uma serpenteante rampa. As paredes, sinuosas, inspiradas na trajetória da Coluna Prestes, acompanham os diferentes momentos da vida do tenentista e posteriormente líder comunista, conjuntamente com a documentação exposta nas paredes: mais de 130 fotografias foram escolhidas e cedidas pela professora Anita Prestes. Acima das fotos e suas descrições, existe um texto de Oscar Niemeyer, relatando como havia chegado à ideia do projeto e como pensou na disposição do conteúdo das paredes, narrando em primeira pessoa essa e outras questões em relação à vida de Prestes. A grande maioria dos acontecimentos foi testemunhada por Niemeyer, e o relato se mescla em uma fala de amigo, camarada e fonte documental. Por esse motivo, o prédio se caracteriza enquanto, ele próprio, uma obra de arte e homenagem: Niemeyer quando desenhou as curvas já planejou o que estaria exposto nelas, contando a história de Prestes e do Brasil de sua forma. O prédio não contém *uma* homenagem a Prestes em suas paredes, o prédio *é* a homenagem a Prestes.

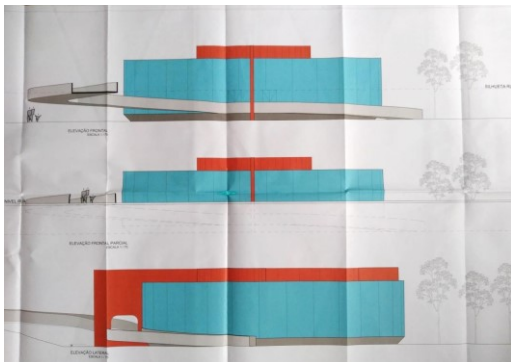
**Figura 1 – Planta Baixa do Memorial Luiz Carlos Prestes**



Fonte: Arquivo do Memorial Luiz Carlos Prestes (cedido por Edson Santos).

<sup>8</sup> MARKO, Katia. Polêmicas não impedem a inauguração do Memorial Prestes. *Extraclasse*, Porto Alegre, 30 out. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Fyldz3>. Acesso em: 21 nov. 2018. A matéria do jornal *Extraclasse* relata 300 pessoas. O livro ata do Memorial, entretanto, conta com aproximadamente seiscentas assinaturas. Há de se ponderar que a inauguração ocorreu durante três dias, e o público pode ter variado, em relação à atividade: seja mais política, seja mais cultural, ou, ainda, na presença de uma ou outra personalidade partidária, o que também ocasionava a “troca” de público. Ossos do ofício da lida política brasileira.

**Figura 2 – Corte lateral do Memorial Luiz Carlos Prestes**



Fonte: Arquivo do Memorial Luiz Carlos Prestes (cedido por Edson Santos).

**Figura 3 – Fotos para exposição dispostas para serem fixadas nas paredes do Memorial**



Fonte: Memorial Luiz Carlos Prestes, página da instituição no Facebook (2017, online).

**Figura 4 – Exposição já montada; acima das fotos, vemos o texto de Niemeyer a narrar a ideia do projeto do Memorial e a vida de Prestes**



Fonte: Memorial Luiz Carlos Prestes, página da instituição no Facebook (2017, online).

## Conceituação e ação educativa

### a) A constituição de um projeto de educação patrimonial

O Memorial Luiz Carlos Prestes não possui ainda um projeto de educação patrimonial. Uma de nossas tarefas no estágio foi estabelecer diretrizes básicas e afirmativas para possibilitar a construção de um pré-projeto. Um projeto definitivo deverá vir com o tempo, com a inserção do Memorial no mapa de locais possíveis para que estágios semelhantes ocorram, além de um esforço intelectual por parte de seus curadores e dos professores que visitam o espaço. Para além do público espontâneo, as mediações realizadas contaram com estudantes da rede municipal de Porto Alegre e da região metropolitana, da rede estadual e da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Realizar uma mediação em um espaço de memória não se trata apenas de simplificar ou resumir a vida do homenageado em uma narrativa histórica, mas sim elaborar um fio condutor, uma problemática que, em diálogo com a exposição e com a construção, permita aos estudantes e aos visitantes em geral adquirir informações, construir reflexões e elaborar construções intelectuais. Como Ulpiano Meneses<sup>9</sup> bem demonstrou<sup>10</sup>, não é tarefa de um museu reproduzir “*o mundo e a vida*”, mas sim de representar, necessitando para esta representação uma reconstrução das ideias, formas e temáticas. A especificidade do museu se dá no fato de ser feito com objetos reais e concretos – no nosso caso, as fotografias e o relato de Niemeyer.

Em nossas mediações, concretizamos a seguinte indagação: em que medida a biografia de Luiz Carlos Prestes se relaciona com os diferentes momentos do Brasil republicano e as subsequentes contestações populares e revolucionárias? A partir dessa pergunta, esperamos que os estudantes tenham se sentido motivados a entender em paralelo duas linhas de tempo que permanecem intrínsecas e inter-relacionadas: a da história do Brasil republicano, seus governos e rupturas (por vezes ditatoriais); e a vida de Luiz Carlos Prestes, a partir de sua constituição enquanto soldado rebelado e nacionalista, sua adesão ao marxismo-leninismo e à revolução enquanto solução dos problemas sociais (identificados após a longa marcha da Coluna) e, finalmente, sua reflexão e longa elaboração sobre a resolução do capitalismo dependente e o caráter da revolução brasileira. A reconstituição da vida de Luiz Carlos Prestes, em paralelo com os diferentes momentos da história brasileira, dar-se-ia a partir das alcunhas que Prestes teria construído, de patriota, revolucionário e comunista, definição esta que retiramos, principalmente, de Anita Prestes<sup>11</sup> e Florestan Fernandes<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, n. ser., v. 2, jan./dez. 1994. p. 9-42.

<sup>10</sup> Embora discordemos de sua definição e da centralidade demasiada do conceito de “ficção” neste processo.

<sup>11</sup> PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015.

<sup>12</sup> FERNANDES, Florestan. Luís Carlos Prestes: esperança e revolução. In: FERNANDES, Florestan. *A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*. São Paulo: Ática, 1995.

### b) Conceituação

A construção de conhecimento em espaços de memória depende de uma série de pressupostos. Um que cremos ser essencial é o defendido por Paulo Freire<sup>13</sup> em *Pedagogia da Autonomia*: referente a nossa incapacidade de sermos agentes afastados e isentos frente ao mundo. Ou seja: não pode haver conhecimento descompromissado. Cabe ressaltar que o caráter científico e metodológico que Freire reivindica é por nós ecoado. Seguindo nesta linha, é preciso, como pontuou Anita Prestes<sup>14</sup> resgatando o termo gramsciano, sermos *intelectuais orgânicos* em relação às pautas e às lutas populares.

Se considerarmos o patrimônio histórico enquanto uma construção social e histórica<sup>15</sup>, a figura de Luiz Carlos Prestes é, ela própria, por essa definição, um patrimônio histórico e cultural brasileiro. Livros, cordéis, músicas, enredos de samba, filmes – com seus quase setenta anos de vida pública, a figura do Cavaleiro da Esperança (alcunha esta própria uma construção) se tornou um fantasma, representando a desordem, para uns, e para outros, a própria esperança, materializada no homem que havia lutado contra a ordem dominante em praticamente todas as fases da república brasileira. Defendeu, na grande maioria de sua vida, o socialismo como alternativa para as mazelas do povo brasileiro.

Dessa forma, se contarmos a presença da figura de Luiz Carlos Prestes no movimento da Coluna, na Insurreição de 1935, em seu cargo no Senado brasileiro, em seus apoios políticos no período democrático, sua postura contra a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), seu retorno ao Brasil em 1979, sua ruptura com o PCB e sua proposta de renovação do movimento comunista brasileiro na cena política da “Nova República” (e suas duras críticas a esse momento histórico), assim como suas representações na cultura popular, voltamos à afirmação acima: a memória de Luiz Carlos Prestes é patrimônio histórico e cultural do povo brasileiro<sup>16</sup>.

O preâmbulo acima não foi realizado sem propósito ou com a intenção meramente infrutífera de exaltar a figura de Prestes. Compreendemos o Memorial Luiz Carlos Prestes, enquanto prédio, memorial, obra de arte, homenagem e constituição histórica, como um herdeiro deste processo de construção da figura do comunista gaúcho. Herdeiro de uma construção de setenta anos do movimento popular brasileiro – envolvendo suas matrizes populares, democráticas, progressistas, intelectuais e comunistas –, ele, de certa forma, *materializa* os pontos colocados como “*componentes do valor cultural*” por Ulpiano Bezerra<sup>17</sup>. Nesse sentido, vemos as possibilidades de uso do Memorial Luiz Carlos Prestes para o conjunto dos

<sup>13</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

<sup>14</sup> PRESTES, Anita Leocádia. Antonio Gramsci e o ofício do historiador comprometido com as lutas populares. *Revista de História Comparada*, v. 4, n. 3, p. 6-18, dez. 2010.

<sup>15</sup> GONÇALVES, Janice. Da educação do público à participação cidadã: sobre ações educativas e patrimônio cultural. *Museion*, Canoas, n. 19, dez. 2014. p. 83-97.

<sup>16</sup> Uma pesquisa sobre a figura do Cavaleiro da Esperança, em todas as suas fases políticas, em todas as dimensões socioculturais na sociedade brasileira, ainda está por ser feita.

<sup>17</sup> MENESES, Ulpiano. O campo do patrimônio cultural, uma revisão de premissas. *Fórum Nacional do Patrimônio Cultural*: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Ouro Preto: 2009 / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Coordenação Weber Sutti. Brasília, DF: Iphan, 2012. p. 25-39.

patrimônios históricos de Porto Alegre (assim como para a educação patrimonial e para o ensino de História). O valor cognitivo, aquele que permite e apresenta questões para serem feitas e respondidas; o valor formal, da estética, especialmente pelo desenho do renomado arquiteto Oscar Niemeyer; o valor afetivo, das vinculações subjetivas criadas pelas pessoas e pelo local; os valores pragmáticos, aqueles estabelecidos pela possibilidade de utilização do local; e o valor ético, aquele posto pelas interações entre as pessoas ou entre a comunidade e o local de patrimônio.

Desenvolvendo o “valor subjetivo”, vale ressaltar as temporalidades sobrepostas nesta construção. Não apenas a vinculação das pessoas que visitarão o Memorial, mas daquelas que se inspiraram pelo “Cavaleiro da Esperança”; que construíram o Partido Comunista Brasileiro tendo Prestes como guia; daquelas que compuseram “*Os comunistas que se alinhavam às posições revolucionárias de Luiz Carlos Prestes*”<sup>18</sup>; daquelas que, embora não comunistas, enchiam seus comícios; daquelas que, desde os anos 1990, de alguma forma, ajudaram na materialização do prédio. Enfim, uma miríade de pessoas que se somaram ao longo dos anos em temporalidade e ritmos diferentes e ainda as pessoas que virão a se somar.

Dessa forma, resgata-se a ideia trazida por Maria Cecília Londres Fonseca<sup>19</sup>, quando esta procura definir mais amplamente patrimônio cultural. Opondo-se à concepção de que apenas artes populares, consideradas menores e sem o mesmo legado que “grandes construções”, seriam patrimônios imateriais, a autora pontua que “*Interpretações e instituições, assim como lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas, podem ser consideradas exemplos de patrimônio imaterial*”<sup>20</sup>. Claro, Maria Fonseca não está a pensar exatamente em uma figura política e sua apropriação cultural, social e ideológica. Os primeiros exemplos do patrimônio imaterial evocados são manifestações culturais e práticas sistemáticas do cotidiano (com suas complexificações em cada caso); entretanto, há a preocupação, pela autora, de quebrar algumas dicotomias, entre elas, a concepção de passado e presente que envolveria o patrimônio.

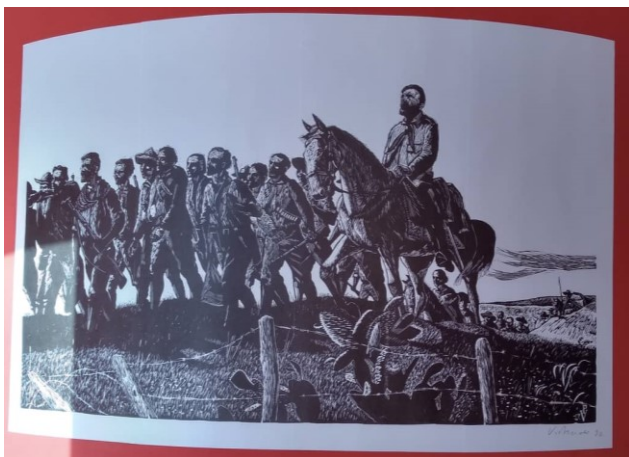
---

<sup>18</sup> Ver a Parte III em: PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: o combate por um partido revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. Ver os capítulos XVII a XIX de PRESTES (2015). Ver ainda: ROLIM, Gustavo Koszeniewski. *Herança, Esperança e Comunismo: Luiz Carlos Prestes e o movimento comunista brasileiro – documentos (1980-1994)*. Marília: Editora Lutas Anticapital, 2020.

<sup>19</sup> FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

<sup>20</sup> Idem. p. 69.

**Figura 5 – Painel com gravura de Vasco Prado**



Fonte: Fotografia do local, realizada pelo autor (2018).

**Figura 6 – Letra da música "O Cavaleiro da Esperança", de Taiguara**

**O CAVALEIRO DA ESPERANÇA**

Taiguara

Quem só espera não alcança  
Mas quem não sabe esperar  
Erra demais feito criança  
Cai e até se entrega ou trai  
Se cansa de lutar

O Cavaleiro da Esperança  
Faz a hora acontecer  
Faz punho armado faz pujança  
Mas combate pela paz  
Pro povo não morrer

Pois Ogum Guerreiro não morre  
Prestes a encontrar  
Uma estrela d'alva pra nos guiar  
É soldado alerta é São Jorge Prestes a enfrentar  
O dragão do mal que quer nos matar

Fonte: Fotografia do local, realizada pelo autor (2018)

Coadunando com essa linha, retoma-se Janice Gonçalves<sup>21</sup>, na conceituação de que o patrimônio cultural é, antes de tudo, uma construção social e histórica. O que leva à valorização desse patrimônio é, portanto, uma comunidade, um grupo social, que, conjuntamente, carregando um legado a este, ou deste patrimônio e instituindo um significado em suas práticas sociais, culturais, políticas, etc., constrói

---

<sup>21</sup> GONÇALVES, J., op. cit., p. 69.

e consolida o aparato do patrimônio. Questão bem fundamentada por Néstor García Canclini (1994) ao lembrar que uma política patrimonial não trata de resgatar objetos ou valores “*autênticos*”, mas sim que sejam “*culturalmente representativos*”, sendo o aspecto processual sempre mais interessante do que o estanque<sup>22</sup>.

A educação patrimonial é uma ação pensada, estudada e crítica sobre a potencialidade desse patrimônio na formação dos estudantes, o que revelará, com o tempo e a continuada utilização do Memorial, também seu valor “pragmático”. Em menos de um ano de funcionamento, pelo menos uma dúzia de escolas públicas o visitaram; coletivos de arquitetos, historiadores e cursinhos populares já realizaram eventos ou encontros no local e, no mês de julho de 2018, a Feira Brasileira de Opinião, reedição da Feira de 1968, idealizada por Augusto Boal, foi organizada por Clarice Boal e a Terreira da Tribo.

Vemos, portanto, que o Memorial já está criando novas tradições e possibilidades. A *processualidade do patrimônio*, segundo Giulia Crippa e Willian de Souza<sup>23</sup>, é por nós aqui também compreendida: o Memorial Prestes remonta a uma tradição popular que em breve se fará centenária, atravessando grandes momentos da história brasileira e materializando-se (não somente, mas também) no prédio de Niemeyer. Certamente, sendo mais um capítulo de tal trajeto social, cultural e político.

### c) A ação educativa

Nosso planejamento de mediação procurava atender tanto o público espontâneo quanto as escolas que agendaram visitas. Neste caso, atendemos quatro escolas, das redes municipais de Porto Alegre e de Viamão, da rede estadual e uma turma da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). As idades variaram então, indo de jovens de 12 a 15 anos até adultos e alguns idosos (no caso da turma da EJA).

Nossas mediações se iniciavam sempre com a apreciação de um painel e de uma letra de música. O painel, reprodução de uma xilogravura dos anos 1970, da autoria de Vasco Prado, artista gaúcho, retrata a Coluna Prestes. Do outro lado da parede, a letra da música “Cavaleiro da Esperança”, de Taiguara, de 1994. Neste primeiro momento, após a explicação sobre a história do Memorial, sobre a morte do homenageado e o projeto de lei, as mudanças que foram ocorrendo durante os 28 anos passados, entre outros pontos, chama-se a atenção dos estudantes para os dois elementos citados. Solicita-se a eles que leiam a letra da música e que destaquem elementos que lhes chamaram a atenção no painel; provoca-se na tentativa de situar a personalidade em questão a partir do imaginário popular e, principalmente, de

<sup>22</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. O patrimônio cultural e a construção do imaginário social. *Revista do IPHAN*, Brasília, n. 23, p. 94-115, 1994. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8429&pesq=>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>23</sup> CRIPPA, Giulia; SOUZA, Willian Eduardo Righini. O Patrimônio como processo: uma ideia que supera a oposição material-imaterial. *Em Questão*, v. 17, n. 2, jul./dez. 2011. p. 237-251.

aguçar a curiosidade das temporalidades sobrepostas e materializadas nas representações culturais e na própria construção.

Outra forma de encarar as temporalidades sobrepostas que acima mencionamos é perceber no próprio prédio uma fonte documental. Por ter sido projetado por Niemeyer, pela aprovação da lei já em 1990, pela colocação da pedra fundamental em 1998, etc., o Memorial instiga uma ampla gama de perguntas que procuram situá-lo no espaço da cidade. Por outro lado, no saguão da exposição de fotos, vemos duas características: as mais de 130 fotografias, que ilustram e convidam à interpretação dos momentos vividos por Prestes, cujos elementos podem enriquecer a mediação, mas também causar dúvidas e indagações por parte dos estudantes (por conta de uma presença, uma ausência, um elemento chamativo ou um detalhe) e, também, o relato de Niemeyer no alto da parede. Tal relato é uma narrativa de um agente histórico que presenciou muitos dos fatos ali mostrados. Sem rigor histórico, mas com a calma de um centenário, o relato permite questões sobre os momentos que homens e mulheres atravessaram no Brasil.

Ancoramo-nos aqui nos professores Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner<sup>24</sup>, que nos ajudam a refletir sobre o uso de fontes em sala de aula – no nosso caso, levemente adaptado, por não estarmos em sala de aula e por nossas fontes serem a exposição fixada. Sabemos que a documentação não deve aparecer como simples argumento de autoridade, muito menos como “reveladora” da verdade absoluta que rege a exposição. O importante aqui é a *fundamentação* da exposição e as indagações possíveis. A exposição do Memorial preza pela vida *política* de Luiz Carlos Prestes, e não por seus gostos pessoais ou sua vida íntima. As fotografias, as legendas e o texto referidos realizam um preciso recorte da vida de Prestes que pode ser utilizado como enriquecedor da mediação, mas, principalmente, como alvo de indagação dos estudantes. Ademais, de provocação: como as fotografias selecionadas se relacionam com a alcunha de Patriota, Revolucionário e Comunista? A finalidade e a intenção da exposição *devem* ser demonstradas e aos estudantes *é permitida* sua indagação – afinal, que conhecimento seria construído na base de uma visualização inerte de fotos velhas? Importante trazer a reflexão de Ulpiano Bezerra de Meneses acerca da exposição museológica. Segundo o autor “*A característica basilar (...) é o caráter da exposição como convenção visual, organização de objetos para a produção de sentido*”<sup>25</sup>. Dessa forma, demonstrar aos estudantes o sentido proposto da exposição é permitir que eles a desnaturalizem como algo dado.

Com o desenvolvimento da mediação, os estudantes são convidados a revisitar a questão apresentada no início deste artigo: em que medida a biografia de Luiz Carlos Prestes se relaciona com os diferentes momentos do Brasil republicano e as subsequentes contestações populares e revolucionárias? Nesse sentido, os estudantes percorrem o caminho, pensando em alguns pontos que eles considerem mais importante ou mais ilustrativo de ser destacado. “Revolução”, “Socialismo” ou “Comunismo”, “Repressão” e “Democracia” são eixos pré-preparados pelo mediador para auxiliar os percursos dos estudantes. Porém, deve-se ficar atento para as

<sup>24</sup> PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes em sala de aula. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008. p. 113-128.

<sup>25</sup> MENESES, 1994. p. 22.

necessidades e os interesses específicos da turma, que podem girar desde a Segunda Guerra Mundial e as correlações de alianças da Guerra Fria até uma atenção à figura de Olga Benário<sup>26</sup>.

Um elemento interessante que nos ajudou no contato com a cultura juvenil atual foi a utilização da expressão *fake news* para explicar o “Plano Cohen”, elaborado para a implementação do Estado Novo<sup>27</sup>. Tomado em conjunto à repressão brutal aos sublevados de 1935 e à posterior ligação com o proponente do Plano e o provocador da Ditadura Civil-Militar de 1964-1985, General Mourão Filho, é uma das oportunidades de maior diálogo com os alunos sobre os interesses que cercavam o estabelecimento do Estado Novo, em 1937, e a Ditadura de 1964, com as subseqüentes liquidações das possibilidades de reformas de base e perda de direitos trabalhistas.

O Golpe articulado pela burguesia brasileira a partir de conluíus empresariais e midiáticos e aplicado pelos militares em 1964, inaugura um momento complexo na vida brasileira<sup>28</sup>. A prisão, a tortura, os desaparecimentos e a morte de brasileiros se intensificam já no primeiro dia de golpe e, com o fechamento do regime, Prestes, por decisão partidária, exila-se no exterior, onde há campanhas contra a Ditadura brasileira. Atenta-se ao novo momento brasileiro que interrompeu um fértil crescimento de contestação popular e projeto de nação.

Passando pela figura de Olga, pela Era Vargas e pela Ditadura Civil-Militar, todos esses elementos, que reúnem para os alunos desde o interesse pelo recorte de gênero (Olga) até conceitos como “repressão” ou “revolução”, ou acontecimentos como a Guerra Fria e “golpes”, existe a possibilidade de os “valores cognitivos” (definido acima) se formularem de forma efervescente. Esse é um dos principais momentos para se dar a palavra aos alunos. A compreensão de termos como “fascismo” e “democracia” e mesmo o papel das mulheres nessa luta surge e se torna um dos principais elementos a serem discutidos. Tendo já compreendido a função específica do Memorial, o conjunto da obra e da exposição, os estudantes começam a formular suas questões articulando já conceitos próprios e realizando eles mesmos outras conexões com conteúdos, curiosidades e questões sensíveis à sua idade e coletividade.

Quando abordamos a vida de Prestes no exílio, destaca-se seu estudo da realidade brasileira e do caráter da revolução socialista. Compreendendo a estratégia da construção do socialismo como intrínseca à construção da organização

<sup>26</sup> Permanece como leitura obrigatória a obra: MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985. Recentemente, Anita Prestes pôde consultar arquivo da Gestapo, arquivado na Rússia, sobre sua mãe. Das pesquisas, escreveu um pequeno livro: PRESTES, Anita Leocádia. *Olga Benario Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo*. São Paulo: Boitempo, 2017. Essa obra discorre sobre os últimos anos de Olga dentro do campo de concentração nazista.

<sup>27</sup> Sobre os levantes antifascistas da ANL, ver: VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

<sup>28</sup> Nesse sentido, ver: DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1987. Infelizmente, a historiografia brasileira nos últimos anos tem sido de conivente a pior em relação à Ditadura. As necessárias críticas a essas visões podem ser encontradas em: MELO, Demian Bezerra (org.). *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

revolucionária, entra em choque, a partir de meados dos anos 1970, com os outros membros do Comitê Central do partido. No Brasil, a repressão seguia, e o PCB existia apenas a partir de abnegados militantes, que encontravam ainda as mesmas diretrizes de união com os setores “progressistas” da burguesia. Se, por um lado, o MDB foi essencial para infligir derrotas à Ditadura, principalmente a partir de 1975, seu programa se tornava o mesmo dos militantes comunistas brasileiros, por falta de uma direção partidária – ou, ainda pior, de uma estratégia correta<sup>29</sup>. Este momento se fez de necessária reflexão, pois Prestes, em sua volta ao Brasil, em 1979, já concebia o PCB como um partido que havia perdido o horizonte da revolução socialista, apenas realizando uma conciliação com o novo período que se avizinhava com a “abertura lenta, gradual e segura” da Ditadura. Tais visões programáticas foram expostas na *Carta aos Comunistas* (1980)<sup>30</sup>. Neste documento, assim como em manifestações posteriores, Prestes reivindica tentar criar as condições para a fundação de um partido efetivamente revolucionário. Suas ações, pensando na autonomia e na combatividade da classe, foram de apoio à criação da CUT, à refundação da UNE. A dura crítica ao que se estabeleceu como a “Nova República” e a concepção de Prestes de que nenhum avanço real se consolidou com a derrocada da Ditadura – nenhuma estrutura repressiva caiu, nenhum torturador foi julgado, nenhuma ferramenta democrática para além das eleições foi conquistada – é também chave na sua interpretação da realidade brasileira<sup>31</sup>. Além disso, realizou o apoio à candidatura presidencial de Leonel Brizola, junto com outras do campo progressista, como a de Florestan Fernandes em São Paulo. Neste momento, a (renovada) alcunha de comunista surge para indagar aos alunos sobre os posicionamentos de Prestes frente à nova conjuntura brasileira.

A discussão procura centrar-se nas características da Nova República e na necessidade de se formularem algumas perguntas sobre esse momento, que, via de regra, ainda é o que nomeia a atual fase republicana brasileira. Além de esta ser uma nova oportunidade para perguntas e respostas, propicia-se também aos estudantes questionarem e dialogarem com o mediador e também com as professoras e os professores sobre o atual caráter da república brasileira. Chega-se a mais uma oportunidade de formar vínculos entre a exposição, o Memorial e a construção de conhecimento da mediação com os estudantes.

A morte de Prestes resgata a reflexão, lembrando novamente a canção de Taiguara e as diferentes visões legadas a essa figura política, seja como sublevado

---

<sup>29</sup> Para uma apreciação destes momentos conturbados, em suas múltiplas facetas, ver: MACIEL, D. *A argamassa da ordem: da Ditadura Militar à Nova República (1974-1985)*. São Paulo: Xamã Editora, 2004. v. 1. 344p e MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

<sup>30</sup> PRESTES, Luiz Carlos. *Carta aos comunistas*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980. Anita Prestes também havia, após breve passagem pela direção do PCB, saído do partido. Ela apresenta uma análise teórico-estratégica das antigas posições dos comunistas e as possibilidades para o futuro no documento: PRESTES, Anita Leocádia. A que herança devem os comunistas renunciar? *Oitenta*, Porto Alegre, LP&M, n. 4, 1980. p. 197-223

<sup>31</sup> Relatos que foram colhidos e editados na época podem ser vistos em: MORAES, Dênis de; VIANNA, Francisco. *Prestes: lutas e autocríticas*. Petrópolis: Vozes, 1982. Ver também: PRESTES, Luiz Carlos. *Prestes Hoje*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

tenentista, seja como uma das maiores lideranças comunistas do século XX. O que dá vida de Luiz Carlos Prestes pode ser utilizado para pensar os atuais momentos e a importância de tal construção existir no coração da cidade e construída em tal conjuntura nacional são pontos de partida para a discussão em grupo.

Na roda final, em nossas mediações, foi possível realizar conversa com as turmas para procurar averiguar palavras ou temáticas consideradas capazes de levantar uma discussão entre o grupo. A mediação conclui-se, no pequeno auditório no final da linha de tempo, com a apresentação dos resultados das reflexões realizadas pelos estudantes. A discussão, conduzida pelo mediador, procura dar a palavra a todos e todas, buscando compreender como eles estabeleceram os eixos (dados ou criados) com a vida de Prestes, quais exemplos utilizaram para ver a ausência ou a presença daquele eixo e o que aquilo possui de significado para suas interpretações do passado e do presente. Por vezes, os estudantes resgatavam algumas figuras (Carlos Marighella ou Olga Benário), por vezes, indagavam sobre as características da democracia de cada período brasileiro. Até mesmo reflexões sobre o que significa dedicar a vida inteira à política se tornava tema de discussão. Talvez seja a partir desses resultados que possamos realizar algumas reflexões finais.

### **Considerações finais**

Destacamos e defendemos que tanto as possibilidades existentes de educação patrimonial a partir da instituição Memorial Luiz Carlos Prestes quanto a própria valorização da figura de Prestes para a realidade brasileira se fazem presentes em nossa consideração final. Em primeiro lugar, o Memorial, por se estabelecer como espaço aberto para utilizações sociais, culturais e políticas, destaca-se na paisagem de Porto Alegre. Outrora com potências progressistas, democratização de espaços e constituição de grandes eventos políticos e culturais, a cidade tem aprofundado cada vez mais o sucateamento e o encarecimento do transporte público (intrínseco a qualquer discussão de utilização dos recursos patrimoniais e culturais no Brasil), a privatização galopante de espaços públicos, o fechamento de instituições ou iniciativas educativo-culturais (a inviabilização do Percorso Territórios Negros, caso mais emblemático), a constituição de projetos *gentrificantes* em bairros históricos ou o descarado abandono de bairros (certos espaços do “quarto distrito” e a Vila dos Ferroviários); a não proteção e manutenção do patrimônio material; a destruição da vida noturna; além da histórica não reparação à nossa população indígena e negra. Nesse sentido, no contexto em que se inaugurou e vem se constituindo, o Memorial Luiz Carlos Prestes se estabelece como lugar *necessário* à resistência do avanço do capital em Porto Alegre.

A valorização da figura de Luiz Carlos Prestes também necessita de uma defesa. Prestes foi um dos poucos lutadores brasileiros que morreram, após quase setenta anos de vida pública, com intensa atividade política. Um dos mais famosos dentre os dirigentes comunistas brasileiros foi, também, um dos maiores líderes de massas que nosso país já presenciou. Como se não bastasse, ao menos para o estudo histórico, reivindicar e valorizar a figura de Prestes é, também, uma valorização da democracia e o convite a uma intensa reflexão sobre os principais problemas que afligem o Brasil estruturalmente (cujas características pioraram nestes últimos conturbados anos de golpe de Estado). Trata-se de defender uma história que não é a

história da classe dominante. Em muitos locais de educação patrimonial onde historiadores em formação realizam seus estágios, a narrativa da “história oficial” é a que mais se faz presente (o Museu de Percurso do Negro e o Programa de Educação Patrimonial do Arquivo Público são exemplos contrários na capital gaúcha que nos obrigam a uma honrosa citação). No Memorial Luiz Carlos Prestes, a partir da homenagem ao Velho, são as classes populares que podem tomar voz, é a ditadura que pode ser dissecada e debatida por estudantes, são nossas matrizes conservadoras, patriarcais e racistas que são questionadas. São eixos como a democracia, a revolução, o comunismo, a repressão e a Ditadura que podem, livremente, tomar corpo e alimentar a construção de conhecimento.

Considerando que, neste dado momento histórico, os estudantes se encontram cada vez mais afastados do século XX (subjativa e objetivamente), sendo seus principais acontecimentos vistos quase como pré-história, como de forma jocosa caracterizou Hobsbawm<sup>32</sup>, para quem os jovens de vinte anos atrás viviam em “*presente contínuo*”, o que podemos concluir então de nossa experiência, que aproximou um senhor de 120 anos dos alunos já nascidos em pleno século XXI?

Tomando como partida que o Memorial Luiz Carlos Prestes é uma construção materializante de uma tradição política, consideramos que o ensino de História propiciado por esse patrimônio possui potencial para elementos gerais da história brasileira, assim como de elementos específicos da biografia de Prestes. Em relação aos elementos gerais, é possível convidar os estudantes a perceber, de forma panorâmica, a estruturante presença da repressão e do comportamento antidemocrático das classes dominantes brasileiras; o que é permitido e o que não é permitido; os limites da democracia e suas rupturas. Em relação aos objetivos específicos da biografia do homenageado, pontua-se a sua constante reinvenção e leitura da realidade, que lhe rendeu diversas alcunhas, positivas e negativas, dependendo do agente social que o nomeava.

A compreensão de que o prédio é um patrimônio arquitetônico acaba sendo fácil, com os alunos rapidamente reconhecendo o nome do renomado arquiteto que está gravado no local. A consideração de que se trata de um patrimônio cultural exige um pouco mais de atenção. Primeiro pela consideração de que o prédio teria um valor para além de suas curvas; depois, pela tentativa de aproximação dos estudantes às diferentes camadas temporais que compõem o local. Essa parte exige do mediador. Não há argumento de autoridade possível, por não se tratar de uma figura saudada pela história oficial ou pelas classes dominantes. O reconhecimento de “grandes homens”, no sentido burguês, não é possível. Prestes foi perseguido por praticamente toda a sua vida, encarcerado e exilado.

Quando nos referimos acima ao patrimônio enquanto construção social e atentamos com dedicação ao caráter subjetivo do Memorial, estávamos também realizando o movimento que se utiliza para a aproximação dos estudantes da figura de Prestes: existe um prédio em sua homenagem porque uma tradição social, cultural e política brasileira o considera uma figura importante. E essa alcunha está,

---

<sup>32</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 15.

constantemente, como vimos no início do artigo, sob ataque. Diferentemente de outras instituições, a justificativa de existência do Memorial já é uma correlação de forças entre elementos da sociedade. O Golpe de Estado de 2016 e o resultado das eleições presidenciais de 2018 trouxeram uma nova gama de justificativas para o prédio que antes não existiam.

O Memorial segue sendo um patrimônio cujo processo de justificativa para sua existência e para o porquê de homenagear essa figura política ocorre constantemente, assim como a construção de conhecimento que se faz possível em seu local, possibilitando aos estudantes indagarem exatamente esta questão e poderem expressar-se de forma democrática sobre o passado e o presente. Se conseguirem e quiserem elaborar perspectivas sobre o futuro, melhor. Pensamos que teria o aval do Velho.

Artigo recebido em 11.3.2020

Aprovado em 18.5.2020